

GENTE DE BEM

Sandro Cavaleiro

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Sandro Cavaleiro

TÍTULO: Gente de Bem

AUTOR: Sandro Cavaleiro

FOTOGRAFIA DA CAPA: Sandro Cavaleiro

Capa: Sítio do Livro, Lda.

1.ª EDIÇÃO

LISBOA, 2010

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Agapex

ISBN: 978-989-20-2057-0

DEPÓSITO LEGAL: 313592/10

© Sandro Cavaleiro

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2 — 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

Gente de Bem

I

A manhã estava escura, o sol parecia não existir com tanto cinzento no céu, embora não chovesse. Eram quase sete da manhã e ele bebia a sua chávena de café à janela, como que dando as boas vindas àquele dia, mesmo parecendo-lhe um dia que carregava ainda mais o peso que suportava, a angústia que sentia. Enfim, era mais um dia que começava e, entre o cinzento da janela e o silêncio da sua casa, a solução parecia ser a de continuar e, no mínimo, atirar-se à agitação sempre constante das ruas de Lisboa. A sua mulher dormia. Como sempre pedira-lhe que não a acordasse e que saísse sem fazer barulho. Ele obedecia, não só por um certo vício de obediência que por vezes o irritava, mas também porque seria para ele um alívio não a acordar. Poderia passar mais um dia sem a ver, poderia passar mais um dia sem que tivesse de lhe ser simpático e dizer como corriam os dias.

Passivo, com o olhar distante, terminava o café e um bocado de bolo que tinha trazido das compras de ontem. Sentia-se bem a comer qualquer coisa doce logo pela manhã, como algo de gratificante depois de uma noite mal dormida, e ainda com restos de sonhos sobressaltados. De seguida, era o mesmo de sempre: vestir-se na sala e sair ainda meio estremunhado, como se tivesse saído de uma masmorra onde toda a noite fora torturado. Porém, em vez de pousar a chávena voltou a enchê-la e continuou a olhar pela janela. Não sabia ao certo o que se passava, mas estava a saber-lhe bem contemplar a negrura das

nuvens e aquela alvorada que ao contrário dos restantes dias lhe parecia hoje mais bela, mais lenta, como se quisesse, antes de desaparecer, deixar uma mensagem. Uma mensagem a ele, que a bebia da sua janela assistindo a um difícil clarear do dia. Com a buzina dum carro na rua, despertou daquela meditação e olhou para o relógio da cozinha. Eram sete e meia, estava na hora de se pôr a andar já com um atraso irrecuperável.

Aquele dia parecia-lhe diferente, não sabia ao certo o que se passava, simplesmente concluía que não podia continuar. Sentia a sua juventude esvaír-se. Muito embora fosse ainda jovem, um jovem na casa dos trinta que se achava, por isso mesmo, muito jovem para sentir em si uma estranha nostalgia, ou pior, uma angústia que a ele lhe soava à de um octogenário. Vivia os dias a pensar, sentindo vã a sua vida... de tudo o que conquistara nada se comparava aos seus tempos de estudante, altura em que conheceu Ivone, sua esposa, e que agora ele mal via, pois vidas demasiado completas e pouco planeadas faziam deles quase dois estranhos. Ela chegava sempre tarde, ele também, mas mais cedo, o tempo suficiente para usufruir da sua bela casa, com tanto amor adquirida, e na qual foram depositadas tantas expectativas, tantos sonhos, tanto amor que agora se resumia a um *“tenta não me acordar”*, num bilhete, em cima da cómoda. Ele não sabia o que era. Talvez fosse a naturalidade de duas vidas determinadas e bem sucedidas que se partilhavam no leito, ainda que o sono, apesar de leve, fosse a única comunicação. Não... não podia continuar... o sonho dos serões a dois jantando no sofá da sala, a ver um filme ou a ler em voz

alta, pareciam coisas que nunca existiram... que os passeios de bicicleta aos fins-de-semana não passaram de planos abortados... Ivone ter-lhe-ia anunciado repetidas vezes a derradeira opção pela carreira, pelos seus projectos de que, com o tempo, ele percebeu não fazer parte. De qualquer forma, não se sentia arrependido das muitas noites em que se deitou mais cedo, muitas vezes sem sono, apenas para não ter de Ser nem por mais um momento que fosse. Era na cama, no silêncio do seu apartamento, que percebia que tudo parecia sumir-se, ficando apenas uma paz, uma paz mais proveniente do exterior, do silêncio e da quietude da noite, do que propriamente uma paz genuína, um verdadeiro estado de espírito, que o deixasse adormecer, até mesmo nas noites em que se sentia cansado. Agora, até essa quietude o perturbava. As noites eram longas, ainda para mais no constrangimento de ter junto a si uma pessoa que pedia para não ser acordada e que ele não queria que acordasse. A noite, apesar de cruel, parecia-lhe a sua melhor companheira. Os dias passavam e ele sempre carregando um semblante pesado, como se tivesse a frustração de uma vida nas suas costas. Não... não podia continuar... o maior dos seus tormentos não era Ivone. Ivone apenas personalizava aquilo que ele achava ser o seu fracasso. Ela não era mais do que a encarnação do silêncio que a vida agora lhe parecia proporcionar, da ausência de respostas para as suas ardentes perguntas e dúvidas, que não mais tinham fim, desde a hora em que acordava à hora que adormecia... os seus tempos de estudante! Oh os seus tempos de estudante, quando tudo lhe

batia certo! Quando a sua vida, como o tiquetaque de um relógio, a toda a hora lhe lembrava que estava vivo e que a vida estava a ser real e intensamente vivida. Enfim, o relógio parecia não mais bater, e a vida apresentava-se crua, e despida de aventura, de novidade, de amor... não o amor de uma mulher, mas sim um amor por tudo o que existe e o faz vibrar com a sua simples permanência em tudo o que era, em tudo aquilo que fazia, por onde andava, o que via e ouvia e o que saboreava... o mundo era insípido, por muito grandioso que ele fosse, por muito que soubesse de toda a sua riqueza e diversidade, por muito que soubesse que a vida humana é curta para experimentar tudo o que o mundo tem para nos oferecer... nada disso agora sentia. De nada valiam esses conhecimentos filosóficos nesta fase da sua vida. Tudo lhe parecia vão. Nada fazia sentido. E Ivone, com uma total indiferença e aparente entusiasmo com os seus projectos pessoais, estava no sentido oposto. Ele sabia. A ela nem lhe passava pela cabeça o que estava a suceder. Ivone revelava agora a sua verdadeira forma de ser, aquela que o tinha cativado. De facto, ele sempre a amara justamente pela sua faceta empreendedora e criativa, pela sua beleza na comunicação com os outros e o seu espírito efusivo de entrega e solidariedade, a sua sublime capacidade de criar e gerir projectos, incentivando e motivando todos em seu redor... poder-se-ia dizer que Ivone não era uma mulher romântica, ou talvez fosse uma mulher de um romantismo desmedido em que a sua maior realização seria um amor, talvez um casamento num mundo sem problemas. Simplesmente,

Ivone queria viver num mundo sem problemas, onde não houvesse fome, nem guerra, nem violência, nem injustiças de qualquer natureza. A sua preocupação com os outros, com o bem-estar dos outros, parecia agora algo de profundamente abstracto, quando não enxergava o seu amor a definhir sem sequer ser capaz de acordar para lhe falar um pouco, para lhe dizer como se sente. Aquele bilhete em cima da cómoda era como uma barreira intransponível entre os dois, que cada vez mais se fortalecia tornando irreversível aquilo que era tão simples, como um simples trocar de olhares e talvez ouvir “abraça-me... diz-me que me amas”.

Cada dia que passava era um dia a mais sem que nada mudasse... muito pelo contrário, cada vez as coisas lhe pareciam mais rotineiras e, perdendo todo o interesse na sua vocação, aflito, sufocava por uma mínima lufada de ar fresco... os colegas de trabalho, as suas tarefas diárias, de responsabilidade, os seus superiores hierárquicos, a sua hora de almoço, o trânsito... tudo tinha perdido qualquer razão de ser... pensava muitas vezes “*que fiz eu à minha vida?!*”, mas imediatamente respondia “*não fiz nada à minha vida! Que se passa comigo?!*”. Com efeito, o que ele achava é que na sua vida nada havia para se queixar: tinha estudado engenharia, era engenheiro... trabalhava numa boa empresa, cumpriu o seu desejo de viver e trabalhar em Lisboa, porque fora isso com que sonhara desde que se tornou caloiro na mesma cidade... “*oh como gostaria de saber o que se passa! Tenho que falar com a Ivone, talvez ela alinhe numas férias... é isso, umas férias,*

temos tantos sítios que queremos conhecer! Ela não vai recusar... ”. Os dias passavam e ele deixava Ivone dormir, não acordando aquela de quem já não estava tão certo do seu amor, ou mesmo se seria a mesma pessoa por quem se tinha apaixonado e a quem tinha jurado fidelidade. Era por isso que em casa, mesmo com Ivone junto a si, preferia estar só. Com a sua presença, deitada no mesmo leito, onde tantos momentos de prazer tinham acontecido, era a esse prazer que ele renunciava. Talvez acordá-la fosse um voltar atrás... cumprindo então, religiosamente, o seu pedido seco, escrito à pressa, num pedaço de jornal, *“Não me acordes”*.

Foram precisas duas semanas para que ele decidisse ir ao cinema depois de jantar. Era uma forma de esperar por ela, *“ela haveria de falar...”*. Não jantou em casa, chegou do trabalho, tomou um banho, vestiu-se e, sem demoras, foi para o centro comercial. Tinha ideias de ir passear à livraria, procurar um livro que de alguma forma o estimulasse... um livro que ele considerasse especial por algum motivo e que lhe permitisse, daqui em diante, não dormir antes da chegada do seu amor. Depois, queria também ir a uma agência de viagens, queria adiantar alguma coisa para que quando lhe dissesse, não soasse a proposta, mas sim a convite e a surpresa. Há muito que ela lhe dizia que gostava de ir a Nova Iorque, ele encolhia os ombros, pois sentia não ter grande fascínio por essa cidade. Agora, ele achava que essa escolha vinha mesmo a propósito, *“nada melhor do que relativizar Lisboa e torná-la numa cidade mais modesta. Com este caos esqueço-me que Lisboa é a minha*

cidade. Sair daqui vai fazer-me bem... vou com ela às compras, gastamos o dinheiro e vimos maravilhados, nem me vou lembrar do que tenho passado” pensava ele enquanto conduzia. Pôs-se num instante no centro comercial. O dia já tinha escurecido. Por lá havia muita gente. Reparava nos casais que se passeavam harmoniosamente como se nunca tivessem, uma vez sequer, questionado o seu amor... os mais novos irradiavam felicidade e sorrisos. Com isto, lembrava-se dos tempos da faculdade em que nesse mesmo centro comercial comia gelados misturados com beijos e carícias. Decidiu ir à livraria, uma vez que tinha tempo. Vagueava por entre as estantes dos livros ora avançando, ora parando, e a escolha revelava-se difícil, tantos livros, tantos autores, tantos temas... Queria algo muito concreto, queria respostas. Um romance que contasse a sua história noutras personagens, daí orientar-se pelos títulos, na esperança de que algum lhe chamasse a atenção. Mas não, não encontrava nada que pudesse exprimir aquilo que sentia. Estava a tirar prazer daquela busca. À medida que explorava os livros ia-se sentido atraído por outros títulos e parágrafos que ia folheando. Parecia esquecer-se de tudo o que o atormentava e interessava-se pelas leituras. Acabou por sair com dois romances e um livro de viagens sobre a cidade de Nova Iorque. Desceu dois pisos e dirigiu-se à agência de viagens onde se demorou pouco, pois apenas pediu os programas para aquele destino. Jantou, escolheu um filme e entrou... a sala estava meio cheia e o filme apresentava-se como não tendo nenhum interesse, nada que ele já não estivesse à espera. O sono que o

possuía nem lhe deixava ter o discernimento entre a sua vontade de estar ali ou a qualidade do filme; era um filme longo que decorria nos tempos da II Guerra Mundial, que a ele pouco ou nada dizia para além do massacre de milhares de judeus que, felizmente, o filme não retratava. Estava desesperado para que o filme terminasse. Queria poder sair. Por esta hora, Ivone devia estar a chegar a casa.

Para além de trabalhar numa empresa de consultoria, à noite colaborava em projectos para uma instituição de solidariedade social, mas nunca falavam muito disso. Tinha por norma não interferir nas suas coisas, até porque César nunca valorizava as actividades paralelas de sua esposa. Como independentes que eram, não gostavam de se imiscuir em assuntos que em nada afectavam a relação, para além das questões mais elementares. Mas César estava disposto a quebrar essa regra para que a sua angústia, o seu tortuoso pensamento deixasse de o possuir. Mesmo que esta fase má da sua vida conjugal acabasse por se esclarecer, tudo tinha a ver com momentos de solidão provocados pela ausência de um dos membros daquela jovem família.

Quando chegou, Ivone já se encontrava em casa, tinha tomado banho e estava no sofá a ler uns papéis e bebendo um copo de leite morno:

- Só agora chegaste?! Já estava para te ligar.

Não levantou o olhar dos papéis, e continuou:

- Por onde tens andado? Problemas?

Ele hesitou, não sabia ao certo o que dizer, pois do muito que tinha para lhe contar, parecia-lhe descabido não introduzir o assunto de uma forma mais convencional. Queria dizer-lhe muita coisa, sem deixar transparecer que sofria, não queria admitir que sofria em vão... e muito menos não lhe queria transmitir que sofria sem saber porque sofria.

Pousou as chaves e atirou o casaco para o sofá onde se sentou, respirou fundo e disse:

- Nada de mais... fui ao cinema apenas... tive de encontrar uma forma de não dormir até chegares a casa, queria falar contigo.

Ela levantou o olhar das folhas que lia e sorriu para ele.

- Há semanas que andamos nisto, nunca estás em casa, sinto que estou de novo solteiro!

Disse ele, também com um sorriso descontraído. A tensão parecia ter desaparecido.

- Hoje decidi falar contigo sobre como andam as coisas. Afinal de contas, já deves ter percebido que as coisas estão diferentes.

Ivone bebeu um pouco de leite e pousou as folhas acabando por confessar:

- Tens razão querido, não sei para onde me virar com trabalho! Na associação, temos também que reunir esforços durante a semana. Eu devia ter-te avisado. Devíamos ter falado quando tomei esta decisão, mas percebi que ela é irreversível, estou embrenhada nos projectos até aos cabelos. Não posso agora abandonar.

Ela mostrava-se preocupada e fez com que César já anteviesse a resposta da sua sugestão para as férias. De qualquer forma, continuou com os seus intuitos:

- Ivone, tu tens de pensar também em nós! Já viste as nossas vidas? No que elas se tornaram? Só nos vemos na cama e um de nós está a dormir. Tu tens que pensar também no nosso casamento, no nosso amor... não me tenho sentido muito bem desde há uns tempos, não sei ao certo o que se passa comigo, mas sinto a minha vida escorrer-me por entre os dedos. Eu entendo que tu devas participar nesses teus afazeres, no entanto, nunca pensei que te sumisses assim de uma forma tão radical. Há quanto tempo não jantamos juntos? Há quanto tempo não fazemos um programa como o que fiz hoje... sozinho?! Tens de fazer alguma coisa Ivone, delega responsabilidades.

Ivone ouvia serenamente, tão serenamente como se já soubesse que aquele discurso, mais tarde ou mais cedo, iria ser pronunciado. Não porque César fosse uma pessoa previsível, mas porque ela própria não via na situação que causara outra reacção possível:

- É impossível! Nós somos uns quantos com um bairro social inteiro a precisar de nós. Estamos a tentar angariar voluntários, mas sabes que nem toda a gente tem disponibilidade, ou pelo menos não está disposta a tê-la. Por outro lado, não estamos assim tão mal... ainda nos amamos... e vais ver que em breve eu arranjo tempo. Vamos jantar fora e ao cinema, mas por enquanto é-me impossível. Querido, eu amo as